

## **Comunicação na escola por enfermeiros/enfermeiras brasileiros/as desde o século 19: ponto de vista**

Kéllen Campos Castro Moreira<sup>1</sup>, Lucieli Dias Pedreschi Chaves<sup>2</sup>, Bethania Ferreira Goulart<sup>3</sup>

### **Resumo**

Enfermeiros/enfermeiras atuam na escola desde o final do século 19 no Brasil, utilizando a competência de comunicação, que sofreu alterações quanto às abordagens e temáticas. O objetivo deste texto é contribuir para o incremento de debates que envolvam a temática da comunicação em saúde na escola por enfermeiros/enfermeiras no Brasil. As concepções da enfermagem acompanharam diálogos internacionais, avanços científicos, demandas sociais, econômicas e culturais. Diante das conjunturas, a atuação deles/as na escola acompanhou o período vivenciado. Na atualidade, recomenda-se que se utilize da comunicação humanizada e centrada no indivíduo, em parceria com a família e a escola, como uma tecnologia leve relacional, bem como um elo entre saúde e educação na prevenção e promoção da saúde. Ademais, aponta-se para elementos que poderão contribuir para efetivar a integralidade à saúde: diálogo, simetria de poder, respeito à cultura local, abordagem holística, perspectiva salutogênica e uso do lúdico.

### **Palavras-chave**

Enfermagem. Comunicação em Saúde. Serviços de Enfermagem Escolar. Escola.

---

<sup>1</sup> Doutora em Atenção à Saúde pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; enfermeira na Secretaria Municipal de Saúde de Uberaba, Minas Gerais, Brasil; membro do Grupo de Estudos e Pesquisa: Promoção em Comunicação, Educação e Literacia para a Saúde no Brasil (PROLISA-BR/UFTM). E-mail: kellen\_camposcastro@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem Fundamental pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Faculdade de Saúde Pública desta instituição, onde também é professora associada 3 do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada; pesquisadora e coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Hospital. E-mail: dpchaves@eerp.usp.br.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil; professora adjunta na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gerenciamento na Enfermagem e na Saúde (GEPGES/UFTM). E-mail: bethaniagoulart@yahoo.com.br.

## Communication at the school by Brazilian nurses since the 19<sup>th</sup> century: point of view

Kéllen Campos Castro Moreira<sup>4</sup>, Lucieli Dias Pedreschi Chaves<sup>5</sup>, Bethania Ferreira Goulart<sup>6</sup>

### Abstract

Nurses have worked in schools since the end of the 19th century, in Brazil, using communication skills, which have changed in terms of approach and themes. The objective of this text was to contribute to the increase in debates involving the topic of health communication at school by nurses in Brazil. Nursing concepts followed international dialogues, scientific advances, social, economic, and cultural demands. Given the current circumstances, the work of nurses at school followed the period experienced. Currently, it is recommended to use humanized and individual-centered communication, in partnership with the family and school, as a light relational technology, as well as a link between health and education in the prevention and promotion of health. Furthermore, it points to elements that could contribute to achieving comprehensive health: dialogue, symmetry of power, respect for local culture, holistic approach, salutogenic perspective, and use of ludic.

### Keywords

Nursing. Health Communication. School Nursing. School.

---

<sup>4</sup> PhD in Health Care, Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil; nurse at the Municipal Health Department of Uberaba, State of Minas Gerais, Brazil; member of the Study and Research Group: Promotion in Communication, Education and Literacy for Health in Brazil (PROLISA-BR/UFTM). E-mail: kellen\_camposcastro@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> PhD in Fundamental Nursing, Ribeirão Preto School of Nursing, University of São Paulo, Brazil; post-doctoral internship at the Faculty of Public Health of this institution, where she is also an associate professor 3 in the Department of General and Specialized Nursing; researcher and coordinator of the Center for Hospital Studies and Research. E-mail: dpchaves@erp.usp.br.

<sup>6</sup> PhD in Sciences from the Ribeirão Preto School of Nursing at the University of São Paulo, Brazil; associate professor at the Federal University of Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brazil; leader of the Study and Research Group on Nursing and Health Management (GEPGES/UFTM). E-mail: bethaniagoulart@yahoo.com.br.

## **Origem da enfermagem moderna brasileira e a comunicação em saúde**

A enfermagem tem origem no cuidado, intuitivo e cultural, fundamentado em tradições, saberes de sacerdotes-médicos, teorias filosóficas e místicas (Geovanini *et al.*, 2019). O termo enfermeiro/enfermeira é uma tradução de *nurse*, palavra inglesa originária do latim *nutricia* e *nutrix*, cujo significado é “pessoa que amamenta/alimenta/cuida” (Fonseca, 2017).

A enfermagem moderna, desvinculada do cuidar intuitivo e exercida como profissão, iniciou-se na Europa a partir do século 16 (Dias; Dias, 2019). No Brasil, ocorreu no século 20, com a criação da Escola de Enfermagem Anna Nery, reproduzindo o modelo estrangeiro de Florence Nightingale (Santos *et al.*, 2020). Atualmente a formação preconiza cinco competências e habilidades, que são: tomadas de decisão, liderança, administração e gerenciamento, educação permanente e comunicação. Ressalta-se que a última se faz presente, também, para efetivação das demais (Ximenes *et al.*, 2020).

Na atuação de enfermeiros/enfermeiras, há uso da comunicação como uma tecnologia leve, materializada em acolhimento, escuta, respeito, interação, construção de vínculo, assistência integral, valorização de autonomia, empatia e postura ética (Lopes *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2020), bem como um elo entre saúde e educação nas ações de prevenção e promoção da saúde (Brasil, 2022).

Diante de mudanças do conceito de saúde (Condeles *et al.*, 2022), e da abordagem quanto à comunicação em saúde ao longo dos anos (Rizzotto, 2006), houve alterações também na comunicação utilizada por enfermeiros/enfermeiras na escola, cuja atuação ocorre desde o final do século 19 (Andrade, 2015; Santos *et al.*, 2020). Na atualidade, sabe-se da relevância da comunicação entre enfermeiros/enfermeiras e crianças, em ambiente escolar, para promover a saúde integral destas (Brasil, 2022; Lopes; Nogueira; Rocha, 2022). Dessa forma, o presente texto teve como objetivo contribuir para o incremento de debates envolvendo a temática de comunicação em saúde na escola por enfermeiros/enfermeiras, no Brasil.

## **Comunicação em saúde de enfermeiros/enfermeiras brasileiros/as na escola: breve histórico**

Diante das conjunturas, a atuação de enfermeiros/enfermeiras na escola acompanhou o

período vivenciado, estando a comunicação de enfermeiras na escola, no final do século 19, voltada ao asseio, visando a prevenir doenças infectocontagiosas e comportamentos sociais considerados inadequados. Em 1950, essa ação preconizou diagnóstico e cura de causas atribuídas ao fracasso das crianças na escola, tais como desnutrição, distúrbios neurológicos, auditivos e visuais. Em 1970, voltou-se para campanhas e atos preventivos a doenças específicas, por meio de exames físicos em massa (Andrade, 2015).

Desde 1990, tal atuação se direciona para práticas de promoção da saúde, desenvolvimento de ambientes escolares saudáveis, incentivo à participação comunitária e ações coletivas e intersetoriais voltadas para os Determinantes Sociais da Saúde (DSS), que ainda requerem, na contemporaneidade, avanços quanto à intersetorialidade e integralidade (Chiari *et al.*, 2018; Lopes; Nogueira; Rocha, 2022). A abordagem comunicacional de enfermeiros/enfermeiras, nas escolas brasileiras, seguiu diferentes concepções, segundo os períodos mencionados (Figura 1).

**Figura 1** – Perspectiva de comunicação por enfermeiros/enfermeiras nas escolas brasileiras por período

| Período             | Modo de intervenção comunicacional        | Características  |
|---------------------|---|--|
| Final do século XIX | Higienista Escolar                        | Baseava-se no modelo alemão de “Policia Médica”, com medidas para evitar doenças infectocontagiosas e comportamentos sociais indesejáveis. As ações educativas tinham como foco a puericultura, a higiene pessoal e o combate à sífilis, tuberculose e alcoolismo legitimada pela ciência, porém com apelo às regras morais e costumes.  |
| 1950                | Biologismo/<br>Assistencialismo           | Incorporado às ações de saúde escolar, a discussão em torno da refeição na escola e triagens para encaminhamentos à especialistas, já que passou-se atribuir como causas do insucesso, as características físicas, psicológicas e sociais do estudante.  |
| 1970                | Medicina Escolar                          | Havia exame físico para a matrícula na escola, porém não havia revisões periódicas. A partir deste período há organização da saúde no currículo escolar, exemplifica-se a criação da disciplina “Programas de Saúde”, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB) nº5692/71. O enfoque permanecia biologicista nas temáticas sobre drogas, higiene, primeiros socorros e desnutrição.                              |
| 1990                | Promoção de ambientes escolares saudáveis | Período de diversas mudanças, tais como criação do Programa Nacional de Saúde do Escolar, em 1984, para estudantes do ensino fundamental da rede pública em caráter preventivo e curativo. Criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). Ampliação do conceito de saúde, valorização da integralidade, produção de cidadania e autonomia, e de ações extra muro escolar. |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Atualmente, no Brasil, há enfermeiros/enfermeiras atuantes na escola por meio do Programa Saúde na Escola (PSE), no trabalho da Estratégia Saúde da Família (ESF), dentro da Atenção Primária à Saúde (APS), que exercem ações de âmbito gerencial, educacional e assistencial (Almeida *et al.*, 2018; Brasil, 2022; Lopes *et al.*, 2020).

Com o PSE, instituído pelo Decreto nº 6.286/2007 como uma política intersetorial com finalidade de saúde integral às crianças e adolescentes que estão na escola, têm-se ações descritas em três componentes voltadas para avaliação, prevenção de doenças e promoção de hábitos saudáveis (Brasil, 2022; Lopes; Nogueira; Rocha, 2022). Desse modo, enfermeiros/enfermeiras atuantes na escola, por meio do PSE, utilizam a comunicação em saúde para fazer avaliação clínica, no componente I, bem como para realizar educação em saúde voltada à prevenção de agravos e promoção da saúde, sendo um elo entre saúde e educação, para efetivar o componente II (Brasil, 2022; Rodrigues *et al.*, 2020).

A comunicação em saúde, realizada por enfermeiros/enfermeiras na escola, conforme preconizada pela APS/PSE, deve ser humanizada, centrada no indivíduo, em parceria com a família e a escola, além de fundamentada no diálogo, na interação social, no respeito e na compreensão. Do mesmo modo, deve ser um elo entre saúde e educação, cujo ensino-aprendizagem gere movimento voluntário para adoção de hábitos saudáveis, promotores de saúde e qualidade de vida, bem como preventivos de doenças (Brasil, 2017; Brasil, 2022).

A escola é um espaço de relações que interfere na produção de saúde, oportuniza construção de conhecimentos, auxilia no desenvolvimento de habilidades e estimula atitudes favoráveis aos estilos de vida saudável. Para tal, entende-se que a atuação de enfermeiros/enfermeiras na escola, deve: buscar a atenção integral, contemplando criança-família-escola-comunidade; incentivar a autonomia das crianças, em parceria com os responsáveis, para o assentimento e consentimento, respectivamente, das ações e fortalecimento da cidadania; adotar uma abordagem em perspectiva salutogênica; utilizar uma comunicação mediada por linguagem verbal e não verbal clara, adequada e horizontal/dialógica, incluindo a equipe multiprofissional e intersetorial; vivenciar o papel de educador, extrapolando momentos de ações educativas; e implementar estratégias promotoras de saúde que estejam articuladas à Rede de Atenção à Saúde.

Entretanto, evidências científicas e práticas possibilitam visualizar um panorama de comunicação em saúde na escola, guiado pela transmissão de informações, verticalização da

fala, assimetria de poder, ênfase curativista, temáticas das ações de educação em saúde e atividades preventivas (Moreira, 2024; Moreira *et al.*, 2023). Diante disso, reflete-se sobre elementos que poderão contribuir para efetivar a integralidade e a promoção da saúde na escola, por meio da comunicação em saúde.

### **Elementos para a comunicação em saúde entre enfermeiros/enfermeiras e crianças na escola**

O termo “comunicação em saúde” possui dimensões variadas, mas, em sua raiz etimológica, tem-se o sentido de “partilhar/tornar comum”, sendo relativo ao processo de emissão, transmissão e recepção de mensagens com vistas à compreensão (Freire, 2021; Habermas, 2012; Moreira, 2024).

Desse modo, tem-se que o conteúdo da comunicação não pode ser um comunicado de um sujeito a outro (Freire, 2021). Entende-se, assim, que “comunicação em saúde” difere-se de “orientação em saúde”, cuja linguagem é meramente informativa, com uso da fala verticalizada, em assimetria de poder, próxima ao modelo bancário de educação, criticado por Paulo Freire, ou ao agir estratégico, na obra de Jürgen Habermas.

A comunicação em saúde implica na prática em escuta, diálogo voltado ao entendimento dos envolvidos, reciprocidade, interação mediada pela linguagem e respeito, ou seja, deve favorecer a conscientização, valorizando a autonomia dos sujeitos, e não à manipulação (Freire, 2021; Habermas, 2012; Moreira, 2024; Moreira *et al.*, 2023).

Acredita-se em possíveis avanços na comunicação em saúde quando em aproximação ao conceito de agir comunicativo, de Jürgen Habermas (2012), cujas interações buscam apenas fins ilocucionários, que então poderiam ser compreendidas e exercidas na interação entre enfermeiros/enfermeiras-criança voltada ao entendimento comum, superando a assimetria de poder e linguagem, pautada em amplos processos argumentativos ativos e pacíficos de informações embasadas cientificamente, considerando a realidade local e livre de coação.

Entende-se a necessidade do diálogo entre enfermeiros/enfermeiras e crianças verdadeiramente orientado para o entendimento dos envolvidos, com exercício de escuta ativa e simetria de poder na interação - nas falas e na postura, que são as expressões verbais e não verbais, buscando, por exemplo, proximidade quanto à altura dos olhares, estando todos os diferentes sujeitos sentados; sem uso de jaleco ou vestimenta toda branca por parte de enfermeiros/enfermeiras, pois denotam poder pelo saber; sem utilizar termos técnicos

científicos -, com respeito à cultura local e ao ser como um todo, por meio de troca de saberes entre enfermeiros/enfermeiras-crianças-responsáveis-comunidade escolar e não escolar.

Aponta-se para a relevância do uso do lúdico como expressão linguística do mundo da vida das crianças, constituindo-se uma linguagem clara e adequada ao diálogo com indivíduos nessa fase do ciclo vital, devendo ser valorizado e utilizado na comunicação em saúde com crianças, nas ações avaliativas, educativas e de assistência de enfermeiros/enfermeiras na escola.

Ressalta-se que, para avançar rumo à promoção da saúde na escola, faz-se necessária também a adoção da perspectiva salutogênica, cujo conceito de saúde é ampliado e tem-se, no desenvolvimento de recursos e capacidades, o aumento de saúde (Moreira, 2024; Moreira *et al.*, 2023). Esse aumento ocorre, principalmente, nas atividades educativas, com os temas cultura de paz, família, determinantes e condicionantes da saúde, empatia, espiritualidade, resiliência, dentre vários outros, em parceria e participação de diferentes atores.

## Referências

ALMEIDA, P. F. *et al.* Coordenação do cuidado e Atenção Primária à Saúde no Sistema Único de Saúde. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, p. 244-260, 2018. DOI 10.1590/0103-11042018S116. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/N6BW6RTHVf8dYyPYYJqdGkk/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

ANDRADE, D. A. **Intersetorialidade no Programa Saúde na Escola**: uma análise sobre a construção de redes entre saúde e educação, no município do Recife. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15929>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. **Portaria nº 2.436 de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF. 2017. Disponível em: [https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436\\_22\\_09\\_2017.html](https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html). Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. **Caderno do gestor do PSE**. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Brasília, DF 2022.

CONDELES, P. C. *et al.* O cotidiano da gestão na Atenção Primária à Saúde: percepções dos gestores. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, São Paulo, v. 11, n. 7, p. 1-10, 2022. DOI 10.33448/rsd-v11i7.29921. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/issue/view/96>. Acesso em: 5 mar. 2023.

CHIARI, A. P. G. *et al.* Rede intersetorial do Programa Saúde na Escola: sujeitos, percepções e práticas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, p. 1-15, 2018. DOI 10.1590/0102-311X00104217. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/d9GHPC4rRF9WJKQxyqmbZCG/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

DIAS, L. P.; DIAS, M. P. Florence Nightingale e a história da enfermagem. **Hist. Enferm. Rev. eletrônica**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 47-63, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1121486>. Acesso em: 2 maio 2022.

FONSECA, A. L. T. **Mulheres (in)visíveis**: A cronologia da enfermagem moderna sob a perspectiva de gênero. 2017. 22 f. Monografia (Pós-Graduação *Lato Sensu*) – Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 23. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GEOVANINI, T. *et al.* **A história da enfermagem**: versões e interpretações. 4. ed. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações, 2019.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LOPES, O. C. A. *et al.* Competências dos enfermeiros na estratégia Saúde da Família. **Escola Anna Nery**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-8, 2020. DOI 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0145. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zB5Npy99wyPDGX4jXzdNDYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2022.

LOPES, I. E.; NOGUEIRA, J. A. D.; ROCHA, D. G. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 118, p. 773-789, 2022. DOI 10.1590/0103-1104201811819. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/SNsdFnbvBdfdhn76GQYGDtM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 jul. 2024.

MOREIRA, K. C. C. **Comunicação em saúde junto a crianças**: perspectiva de enfermeiros/enfermeiras do Programa Saúde na Escola. 2024. 122 f. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024.

MOREIRA, K. C. C. *et al.* Comunicação enfermeiro-criança na escola: contribuições da Teoria do Agir Comunicativo. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, 2023. DOI 10.26512/lc29202350574. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/50574>. Acesso em: 17 dez. 2023.

RODRIGUES, R. M. *et al.* Implantação dos componentes I, II e III do Programa Saúde na Escola. **Journal of Management & Primary Health Care**, Uberlândia, v. 12, p. 1-18, 2020. DOI: 10.14295/jmphc.v12.976. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/976>. Acesso em: 2 fev. 2022.

RIZZOTTO, M. L. F. **A origem da enfermagem profissional no Brasil**: determinantes históricos e conjunturais. 2006. Disponível em: [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Maria\\_Lucia\\_Frizon\\_Rizzotto\\_artigo.pdf](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_Lucia_Frizon_Rizzotto_artigo.pdf). Acesso em: 3 fev. 2022.



SANTOS, Fernanda B. O. *et al.* Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil. **Hist. Enferm. Rev. eletrônica**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 10-21, 2020. Disponível em: <https://here.abennacional.org.br/here/v11/n1/a1.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2022.

SANTOS, J. S. *et al.* Nurse to adolescent health communication process: approach to Event History Calendar. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 73, n. 3, 2020. DOI 10.1590/0034-7167-2018-0454. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/CVHbpCgMrTwgxKjVr4JDNzy/?lang=pt>. Acesso em: 4 fev. 2022.

XIMENES, F. R. G. *et al.* Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 37-46, 2020. DOI 10.1590/1413-81232020251.27702019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6SbH4JGK5HTvkc3xy5fZJXC/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

Submetido em 15 de novembro de 2023.

Aprovado em 1º junho de 2024.